

Madeleine Baranger, uma mestra da psicanálise

Cláudio Laks Eizirik,¹ Porto Alegre

A primeira vez que vi Madeleine Baranger foi em julho de 1993, em Amsterdam, numa plenária do 38º Congresso Internacional de Psicanálise, cujo tema era *A mente do analista: da escuta à interpretação*. A plenária reunia três grandes autores, cada um representando uma cultura psicanalítica: Madé (como era carinhosamente chamada) e Theodore Jacobs, apresentando dois belos trabalhos, cada um ilustrando como o tema podia ser abordado a partir da teoria do campo analítico e a da intersubjetividade, e André Green, como debatedor. Sempre que velhos analistas se encontram em congressos, aquela plenária acaba sendo lembrada, em algum momento, tanto pelos trabalhos, como pelos comentários de Green, que foram diametralmente opostos: destacou a clareza, a objetividade e a profundidade do trabalho de Madé, e depois, voltando-se para Jacobs, procedeu a uma crítica devastadora contra a intersubjetividade norte-americana e o material clínico apresentado. Terminada a plenária, ocorreu um curioso movimento de grupo: os norte-americanos cercaram Jacobs, solidários com ele e indignados com Green, os franceses foram cumprimentar o debatedor e os latino-americanos reuniram-se ao redor de Madé, orgulhosos de seu trabalho e de sua calorosa acolhida por Green.

Desde 19 de junho de 2017, quando Madeleine Baranger morreu aos 97 anos, a comunidade psicanalítica internacional, sem quaisquer divisões, vem expressando um unânime reconhecimento de sua obra e o luto por sua perda.

Nas palavras de sua amiga e discípula Elsa R. de Aisemberg, “Madé foi uma mestra da psicanálise, brilhante e generosa com suas ideias, e com grande capacidade de transmissão, sempre disposta a estimular em cada um de nós nosso pensamento analítico, a desenvolver nossa criatividade e a defendê-la, se fosse necessário” (Aisemberg, 2017, comunicação verbal).

¹ Psicanalista. Membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). Professor titular do Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal, UFRGS.

Madeleine Coldefy Baranger nasceu na França em 1920; realizou seus estudos na Universidade de Toulouse, obtendo o título de Licenciada em Letras Clássicas. Em 1946, emigrou para Buenos Aires com seu marido Willy Baranger (que havia estudado filosofia em Paris e Toulouse), depois de ele haver ajudado a resistência francesa durante a ocupação nazista. Logo iniciou sua análise e realizou a formação analítica no Instituto da Associação Psicanalítica Argentina, da qual se tornou membro titular em 1959.

Entre 1954 e 1965, viveu com Willy em Montevidéu, onde contribuiu para a fundação da Associação Psicanalítica Uruguiaia, organizou e dirigiu o Instituto de Psicanálise, e colaborou com a Revista. Em 1966, Willy e Madé voltam a Buenos Aires, retomando uma intensa atividade científica e docente. Em 1974, juntamente com Willy e Jorge Mom, contribui para a reformulação do Plano de Ensino da APA, plano esse ainda vigente. Ao longo de sua carreira, sempre manteve uma atitude antidogmática e de respeito e tolerância pelo outro (Aisemberg, 2017). Entre inúmeros reconhecimentos, foi agraciada com o prêmio argentino Konex em 1996, e com o prestigioso Mary Sigourney em 2008, por suas extraordinárias contribuições ao campo da psicanálise.

Suas ideias, compartilhadas e criadas com Willy, tiveram sua origem, segundo relatou Aisemberg (2017, comunicação verbal),² nos contínuos e intermináveis diálogos entre ambos sobre a tarefa compartilhada quando trabalhavam em Montevideo, formando a Associação Psicanalítica Uruguiaia. Esta tarefa numa equipe de dois deu lugar ao surgimento da teoria do campo analítico.

De início, Madé e Willy, com forte postura de pesquisadores da clínica, pensaram sua *práxis* articulando-a com as ideias da *Psicologia da Gestalt* (Köhler, 1968), da fenomenologia de Merleau-Ponty (1945), e de psicanalistas como Paula Heimann (1950) e Enrique Racker (1982). Fundados nessa articulação, formulam seu trabalho clássico (Baranger & Baranger, 1961-62), o primeiro modelo de campo analítico, resultado das identificações projetivas cruzadas entre paciente e analista – modelo construído com base no esquema referencial kleiniano, predominante nessa época, bem como nos ensinamentos de Pichon Rivière.

Em 2004, tendo ampliado seus referenciais teóricos, incluindo ideias de Lacan, Green e outros, Madé reformula seu conceito de campo analítico, concebendo-o agora como uma estrutura que se cria entre um paciente e um analista na situação analítica, sendo esta o terceiro, que tem uma dimensão tanto mítica quanto simbólica.

² N.A.: Citações de Elsa Rappoport de Aisemberg são referentes ao *Panel: Genealogía del pensamiento de Madé Baranger*, apresentado na *Jornada Homenaje a Madé Baranger* da APA em 10 de outubro de 2017.

Durante o congresso da Federação Psicanalítica Europeia em 2008, ao comentar um trabalho clínico, utilizei as ideias dos Baranger sobre o campo analítico para entender a relação entre paciente e analista, e dei alguns detalhes de sua formulação original. Um dos colegas presentes, em seu comentário posterior, destacou que havia ficado muito impressionado com esse novo conceito – o de campo analítico – sobre o qual nunca tinha ouvido falar. Respondi que o conceito foi formulado em 1961. Isso ilustra como as ideias inovadoras e criativas necessitam ser traduzidas para o atual esperanto, o inglês, para que a comunidade psicanalítica internacional possa de fato passar a incorporá-las e delas se utilizar por sua relevância.

O fato de só ter sido traduzido para a língua inglesa (Baranger & Baranger, 2008; Churcher, 2008; Bernardi, 2008) há dez anos, portanto, retardou a ampla circulação da teoria do campo analítico e sua atual plena aceitação na comunidade psicanalítica internacional.

A ampliação do conhecimento e do reconhecimento do trabalho dos Baranger foi crescente no cenário internacional. O livro *The work of confluence* (2009), editado por Leticia Fiorini, que então coordenava o Comitê de Publicações da IPA, contém os principais trabalhos dos Baranger e suas colaborações com Jorge Mom, e o já clássico estudo de Madé de 1993. No mesmo ano, é lançado *The analytic field, a clinical concept* (Ferro & Basile, 2009), reunindo trabalhos dos principais autores internacionais que vinham contribuindo para a ampliação do conceito original de campo analítico, incluindo dois latino-americanos.

Cabe destacar que tanto Ferro como Ogden não só utilizaram as formulações originais de Willy e Madé Baranger, como também as desenvolveram e expandiram com sua própria reconhecida criatividade, contribuindo para que este novo paradigma, como assinala Favalli (2016), venha tendo influência crescente na forma como praticamos e ensinamos psicanálise atualmente.

Em 1999, Luis Kancyper, um dos principais discípulos dos Baranger, havia organizado o livro *Volviendo a pensar con Willy y Madeleine Baranger: nuevos desarrollos*, em que um conjunto de analistas argentinos, latino-americanos e europeus mostra como as ideias seminais dos Baranger estimularam seus próprios desenvolvimentos. Entre esses, cabe destacar o trabalho de Kancyper (1999) em que estende a teoria do campo analítico para além da sessão, estudando a confrontação entre as gerações como um campo dinâmico. Este é um livro que guardo com muito carinho, pois nele leio, enquanto escrevo este texto, esta dedicatória: “*Para Cláudio Eizirik, en recuerdo de vários encuentros afectuosos y productivos, Madé Baranger*”.

Em nosso meio, as ideias dos Barangers têm tido crescente influência, além

de termos tido a presença dos autores na década de 70, quando alguns de nós tivemos estimulantes seminários com eles, e a de Madé em 2001, com sua vivacidade que nos encantou. Além disso, muitos trabalhos têm sido realizados utilizando a teoria do campo analítico e explorando suas formulações e desenvolvimentos teóricos e clínicos (por exemplo, Favalli, 1998, 2016; Knijnik *et al.*, 2012; Eizirik *et al.*, 2016; Eizirik, 2017). A Revista de Psicanálise da SPPA publicou, em 2016, dois volumes do número temático campo analítico, incluindo trabalhos de autores locais e de alguns dos principais autores internacionais que trabalham com o conceito. Esses dois volumes, dada a sua qualidade e abrangência, mereceriam ser reunidos num livro em homenagem a Madé e Willy e às suas ideias.

Gostaria de ilustrar, agora, como as ideias dos Baranger estimulam as reflexões de um grupo de estudos que vem percorrendo as várias dimensões e aplicações clínicas e culturais da teoria do campo analítico nos últimos anos. Num dos trabalhos publicados (Knijnik *et al.*, 2012), partimos da constatação de que a cultura psicanalítica na qual o conceito foi desenvolvido era a do reconhecimento crescente da participação do analista na configuração dos fenômenos observados no relacionamento terapêutico, e foi desenvolvido com base nos trabalhos de Racker (1982) e Heimann (1950) sobre o valor comunicativo da contratransferência, da identificação e da contraidentificação projetiva.

Partindo da teoria de Merleau-Ponty (1945), o casal Baranger chegou à ideia de que o trabalho consciente e inconsciente do analista com seu paciente se desenvolve imerso numa relação intersubjetiva em que ambos os participantes se definem mutuamente. Isso significa que nenhum fenômeno que se passe dentro do campo analítico possa ser compreendido fora desse contexto. O próprio enquadre é elemento constituinte do campo.

Não se trata, entretanto, de um jogo de palavras compreender o que se passa durante o trabalho entre paciente e analista como um campo no qual ambos se definem, na medida em que dele participam suas subjetividades de forma ativa. Com efeito, pensar em termos de campo analítico é diferente de pensar em termos da dinâmica da transferência e contratransferência, que são expressões individuais do paciente e do analista na sessão e no processo. O conceito de campo analítico nos permite pensar que as dificuldades que surgem no relacionamento analítico de modo bidirecional não se devem à responsabilidade do paciente ou do analista, à resistência de um ou de outro. Representam algo específico de uma estrutura intersubjetiva, fruto de transferências cruzadas, de identificações e contraidentificações projetivas. Uma grande mudança que se observa diz respeito ao enfoque do trabalho do analista que, por intermédio de um segundo olhar, procurará conhecer qual é a fantasia inconsciente básica ativa nesse campo, e

como cada um se relaciona e se posiciona nessa estrutura, de modo a permitir uma oscilação entre alienação e subjetivação a cada ciclo de cristalização/movimento do e no campo, assim contribuindo para que ambos saiam conhecendo mais sobre si mesmos. Evidentemente, devido à assimetria do relacionamento, o processo de subjetivação e de conhecimento sobre si deve ser mais significativo e amplo no polo do paciente do que no polo do analista. Vemos, entretanto, o desagradável que há em tudo isso, pois implica numa nova revolução copernicana, por assim dizer, na qual o analista deixa de ser o deus-sol e passa a contribuir *tanto quanto* o paciente (a partir de sua equação pessoal) para os desenlaces construtivos e destrutivos do vínculo terapêutico.

Revisando a literatura, percebemos que, se por um lado o conceito de campo analítico como uma descrição do que ocorre na sessão analítica trouxe mais complexidade ao trabalho, por outro também ampliou as possibilidades de compreensão dos analistas. Madeleine Baranger (2005) mencionou alguns autores que agregam elaborações pessoais a essa mudança de perspectiva: focar a situação clínica como o dado fundamental a ser estudado na situação analítica, descentrando o estudo da psicopatologia do paciente para a relação analítica e para o processo analítico, a fim de perceber os fenômenos que os constituem, favorecem ou dificultam a meta final da análise. A autora cita, por exemplo, o *terceiro analítico* de Ogden (1994), o *estado de sessão* do casal Botella, o papel de *objeto transformacional* desempenhado na sessão descrito por Bollas (1987), e a própria noção de *estrutura* atribuída ao *setting* por Green (2007). Todos esses conceitos falam, de uma maneira ou de outra, de algo que se produz na sessão a partir de um contato emocional estreito entre analista e paciente, que não seria possível ocorrer fora do enquadre analítico, sem as regras que estruturam essa relação particular e irrepetível entre a dupla paciente-analista.

Nessa contínua oscilação entre abertura e repetição, entre paralisação e movimento no campo, forma-se uma estrutura inconsciente presente em todo relacionamento terapêutico, cuja função é de refúgio, de *imunidade parlamentar ou diplomática* por assim chamar, a qual pretende onipotentemente proteger os membros da dupla de entrarem em contato com estados muito primitivos, como desvalia, vulnerabilidade e desamparo: o baluarte. O baluarte é aquilo que o analisando inconscientemente não quer colocar em jogo, e que é penoso também para o analista enfrentar em si e, por consequência, com o seu paciente. Assim, provavelmente o baluarte tangencie os limites terapêuticos de cada dupla. O enfrentamento e a eventual desmistificação e destruição do baluarte vai depender das possibilidades de cada dupla paciente-analista de elaborar angústias primitivas.

Na medida em que se trata de uma estrutura intersubjetiva, o próprio

conceito de analisabilidade pode ser questionado, sendo esta uma segunda mudança em termos conceituais, quando comparada com os conceitos de transferência e contratransferência. Um baluarte de superioridade intelectual, por exemplo, pode encontrar ressonância em um analista que também se defenda dessa forma, e não em outro analista cuja estrutura de refúgio psíquico se dê de modo diverso, como através da beleza e do poder de sedução, por exemplo. Pensando em termos do campo, o baluarte da superioridade intelectual teria mais chances de ser enfrentado pela segunda dupla.

Pela dificuldade de conscientização e de abordagem pela dupla, uma das peculiaridades do baluarte é, por definição, a sua característica de cristalização aliada ao clima de imobilidade que se cria na análise: de acordo com Baranger, Baranger & Mom (1982), o baluarte sempre renasce de formas diferentes, sendo o mais conspícuo sinal clínico da compulsão à repetição. De fato, Freud (1920), em *Além do princípio do prazer*, descreveu como uma situação desprazerosa (como pode ser um clima de imobilidade na análise, por exemplo) pode ser explicada em termos da economia do funcionamento mental.

O fato de sabermos que algo novo e pertencente a ambos (paciente e analista) pode acontecer durante a sessão não evita a surpresa ou o incômodo quando surge algo desconhecido ou que não esperávamos no encontro com nosso paciente em análise.

No trabalho *O estranho*, Freud (1919) fala de como as características infantis de animismo e onipotência do pensamento são determinantes na sensação de estranheza que sentimos ao ver uma imagem ou ao experimentar uma sensação inesperada e aparentemente desconhecida, mas que se revela, ao exame aprofundado do inconsciente, por demais conhecida do sujeito. Assim, apesar de o termo *Unheimlich* ter sido traduzido para o português como *estranho* no sentido de não familiar, trata-se literalmente de um *desconhecido inconsciente*. Nesse trabalho, Freud exemplifica e detalha a definição da palavra *Unheimlich* e seus usos em várias línguas para mostrar como a palavra significa a uma só vez desconhecido e familiar. A raiz etimológica, sua definição e a evolução do seu uso mostram que, com efeito, *o estranho* não é nada estranho, mas algo que sucumbiu à repressão infantil. Dessa forma, emerge na consciência como algo que não queremos perceber, ver ou sentir, e surge como algo *estranho* (desconhecido, não familiar ao consciente).

Considerando a relação de estranho (desconhecido-conhecido) com o inconsciente infantil, se a sensação de surpresa ou de incômodo a que nos referimos naquele trabalho (Knijnik *et al.*, 2012) é algo que ocorre somente quando o analista está conectado emocionalmente com o seu paciente, essa sensação é, portanto,

uma questão que merece ser incluída. Pensa-se, à luz da teoria do campo e dos baluartes, que é necessário que o analista esteja emocionalmente envolvido, o que equivale a dizer que seu inconsciente esteja de fato trabalhando junto com o do paciente, para que tais fenômenos, ainda que incômodos ao analista, surjam e principalmente possam ser pensados após a sessão por ele.

Seria essa a razão para o desconforto, para os fenômenos surpreendentes do campo nos assustarem, apesar de sabermos teoricamente que eles poderão surgir? A emergência do inconsciente do analista, então, seria sua explicação? As sensações desconhecidas, não familiares ao consciente do analista na sessão seriam manifestações do fenômeno descrito por Freud em 1919?

Segundo Green (2007), o estranho representa estados de não ligação, de não significação, em que a ansiedade é grande e não se pode reconhecer nada. O significado só pode advir atendendo-se à necessidade de algum tipo de vinculação, de ligação psíquica. Necessita-se coragem do paciente e – nós acrescentamos – também do analista para a elaboração do estranho.

Admitindo que sim, a diferença entre analista e paciente ao se depararem com tais situações seria que o primeiro, conhecedor teoricamente da possibilidade de ocorrência de tais fenômenos e analisado o suficiente para não evitar a conscientização dos mesmos, teria mais condições de identificar, conter e processar em si o que se passou entre ambos.

Voltando aos baluartes, sabemos que são áreas de difícil acesso na análise, fazendo o analista evitar determinados assuntos porque ele próprio talvez não tenha coragem de se enfrentar com este ou aquele tópico. Além da identificação com o sofrimento e a dificuldade do paciente, são assuntos ou sensações por vezes temidas pelo analista como pessoa. Evidentemente, seria simplista pensar que todas as áreas de difícil acesso para o analista seriam do tipo *estranho*, mas talvez algumas possam estar a ele ligadas. Outra possibilidade, a qual não invalidaria a anterior, é de que algo realmente novo surja na análise, algo que não se encontre no campo da repressão.

Droit (2010) destacou que Heráclito era chamado de *O obscuro*, porque fez duas observações contraditórias, e ambas relevantes: por um lado, disse que tudo o que existe na natureza pertence a uma unidade. Mesmo o que se opõe e contradiz ainda assim faz parte de um conjunto geral único; por outro, ressaltou que ninguém se banha duas vezes no mesmo rio. Não só a água não é a mesma, como as margens se modificam, e o banhista se modificou. Ora, poderíamos conceber a situação analítica de forma semelhante: uma invariância que é a estrutura geral do *setting* e o próprio método, e o campo analítico em constante transformação. Da mesma forma, teríamos a coexistência da compulsão à repetição em determinados

aspectos e o surgimento do novo, do inesperado, do surpreendente no campo analítico em constante devir.

Do ponto de vista teórico, temos, portanto, de um lado a descrição de uma nova forma de visualizar o trabalho analítico que, apesar de ter sido proposta em 1961, somente aos poucos foi ocupando um lugar mais central na teorização da teoria da técnica. Por outro lado, percebe-se a necessidade de legitimar o surgimento da surpresa no campo analítico como uma ferramenta comunicativa de algo novo, emergente da relação, oriundo do campo analítico e, portanto, pertencente somente àquela dupla.

Se a noção de campo pode ter sido revolucionária (embora na forma de trabalhar de Freud, conforme vários livros sobre seus pacientes, já se percebia claramente um campo analítico em marcha), ao mesmo tempo, como qualquer conceito ou proposta, à medida que o tempo passa, corre o risco de se tornar um elemento do *establishment*, ou seja, algo aceito com naturalidade, como um fato do processo analítico, o que o destituiria de sua essência disruptiva e, portanto, propulsor de mudança.

Pensamos que se trata de uma luta dialética entre duas tendências: uma que aposta no novo, no não conhecido ou reprimido, no *Unheimlich*, e outra que busca se refugiar logo que possível no conhecido, que acalma e tranquiliza. Esta segunda posição destacará sempre a natureza assimétrica do campo, os diferentes objetivos entre paciente e analista, e resvalará sutilmente para a tradicional ideia de que há um analista treinado para tal e um paciente que busca tratamento para sua doença ou sofrimento. No entanto, o que os Baranger propunham e o que Ferro parece muitas vezes levar até as últimas consequências (gerando críticas por sua audácia, como seu mais recente livro,³ de 2017) é justamente o caráter bipessoal do campo e a inevitável participação do analista com todo o seu mundo interno, sua personalidade e sua neurose.

Os encontros afetuosos e produtivos com Madé Baranger, em vários locais, fazem lembrar sua figura aparentemente mais frágil, à medida que envelhecia, mas que logo se revelava, em toda a sua força, vivacidade, aparente irritabilidade, como boa francesa, além do sotaque que nunca perdeu, sorriso cativante, mente ágil e rápida nas respostas e um acolhimento sempre carinhoso e estimulante. Conforme contou Elsa Aisemberg (2017, comunicação verbal), ela e Willy conceberam o campo analítico como um produto de seu encontro amoroso e criativo, em intermináveis conversas e trocas afetivas e intelectuais. Os analistas de hoje e de amanhã continuam e continuarão a construir diálogos e campos analíticos possíveis com seus pacientes, levando adiante esse belo legado. ◻

³ N.R.: *The new analyst's guide to the galaxy: questions about contemporary psychoanalysis*.

Referências

- Aisenberg, E. R. (2017). Comunicação pessoal. In E. R. de Aisenberg, L. Kancyper, J. L. Maldonado, & A. M. Viñoly Beceiro (Coord.). *Panel: Genealogía del pensamiento de Madé Baranger. Jornada Homenaje a Madé Baranger*. Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica Argentina (APA), 10 de octubre.
- Baranger, M. (2005). La teoría del campo. In S. Lewcowicz & S. Flechner (Eds). *Verdad, realidad y el psicoanalista: contribuciones latinoamericanas al psicoanálisis* (pp. 49-71), Londres: International Psychoanalysis Library.
- Baranger, M., & Baranger, W. (1961-1962). La situación analítica como campo dinámico. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 4 (1): 3-54.
- Baranger, M., & Baranger, W. (2008). The analytic situation as a dynamic field. *International Journal of Psycho-Analysis*, 89 (4): 795-826.
- Baranger, M., Baranger, W., & Mom, J. (1982). Proceso y no proceso en el trabajo analítico. *Revista de Psicoanálisis*, 39 (4): 526-550.
- Bernardi, B. L. (2008). Introduction to the paper by Madeleine and Willy Baranger: the analytic situation as a dynamic field. *International Journal of Psycho-Analysis*, 89 (4): 773-784.
- Bollas, C. (1987). The transformational object. In *The shadow of the object: psychoanalysis of the unthought known* (pp. 13-29). New York: Columbia University Press.
- Churcher, J. (2008). Some notes on the English translation of the analytic situation as a dynamic field by Willy and Madeleine Baranger. *International Journal of Psycho-Analysis*, 89 (4): 785-793.
- Droit, P.-R. (2010). *Vivre aujourd'hui avec Socrate, Epicure, Sénèque et tous les autres*. Paris: Odile Jacob.
- Eizirik, C. L. (2017). The shared intimacy in the analytic field. In *Painel do 50º Congresso Internacional de Psicanálise da International Psychoanalytical Association (IPA)*, Buenos Aires: IPA.
- Eizirik, C. L., Rispoli, A., Tofani, A., Rubin, L., Pacheco, M., Sordi, R. & Mello, C. (2016). Indignação: entre o fim da ingenuidade e o prenúncio da tragédia. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 23 (2): 297-313.
- Favalli, P. H. (1998). *O campo psicanalítico: considerações sobre a evolução do conceito* (Dissertação de mestrado). Porto Alegre: Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.
- Favalli, P. H. (2016). Revisitando o campo analítico. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 23 (2): 209-230.
- Ferro, A. & Basile, R. (2009). *The analytic field: a clinical concept*. London: Karnac.
- Ferro, A. (2017). *The new analyst's guide to the galaxy: questions about contemporary psychoanalysis*. London: Routledge.
- Fiorini, L. (Ed.) (2009). *The work of confluence*. London: Karnac.
- Freud, S. (1919). O estranho. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, p. 273-314). Rio de Janeiro: Imago, 1978.

- Freud, S. (1920). *Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 17-85). Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- Green, A. (2007). Compulsão à repetição e o princípio do prazer. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 41, n. 4: 131-141.
- Heimann, P. (1950). Sobre a contratransferência. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 2 (1): 171-176.
- Kancyper, L. (1999). *Volviendo a pensar con Willy y Madeleine Baranger: nuevos desarrollos*. Buenos Aires: Lúmen.
- Knijnik, J., Rispoli, A., Tofani, A., Mello, C., Rubin, L., Pacheco, M., & Eizirik, C. L. (2012). Baluarte, surpresa e comunicação no campo analítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46(1): 150-161.
- Köhler, W. (1968). *Psicologia da Gestalt*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- Merlau-Ponty, M. (1945). Fenomenologia da percepção. In *Os pensadores*. São Paulo: Abril.
- Ogden, T. (1994). O terceiro analítico: trabalhando com fatos clínicos intersubjetivos. In T. Ogden, *Os sujeitos da psicanálise* (pp. 57-92), São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Racker, H. (1982). *Estudos sobre técnica psicanalítica*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

Recebido em 29/01/2018

Aceito em 05/02/2018

Revisão gramatical de **Ellen Garber**

Revisão técnica de **Paulo Oscar Teitelbaum**

Cláudio LaksEizirik

Rua Marquês do Pombal, 783/307

90540-001 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: ceizirik.ez@terra.com

© Revista de Psicanálise – SPPA